



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

A QUESTÃO DA ONTOLOGIA NEGATIVA À LUZ DE NIETZSCHE¹

THE ISSUE OF NEGATIVE ONTOLOGY IN THE LIGHT OF NIETZSCHE

Leandro José Kotz², Fábio César Junges³

¹ Trabalho de investigação realizado à luz do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí.

² Aluno do Curso de doutorado em Educação nas Ciências na Unijuí. Mestre em Educação nas Ciências. Bolsista Prosup/Capes.

³ Doutor em Teologia pela EST.

RESUMO

No presente artigo deslinda-se a posição de Nietzsche em meio à tradição filosófica. O seu pensamento, além de se constituir num importante referencial teórico nas mais diversas áreas do conhecimento, tanto do século XX quanto do XXI, possibilitou interpretações variadas, inclusive antitéticas entre si. Em meio as mais variadas interpretações possíveis, defende-se a noção de racionalidade filosófica que se perfaz no mundo da vida como interpretação perspectivista. No que tange à tradição filosófica, o pensamento de Nietzsche é, portanto, compreendido enquanto oposição ao pensamento fundacional. Em outras palavras, Nietzsche não é o último metafísico nem o filósofo que conduz à metafísica fundacional ao seu apogeu. Essa premissa é demonstrada, sobretudo, recorrendo a ontologia negativa e ao perspectivismo que engendram a interpretação.

Palavras-chave: Interpretação. Nietzsche. Perspectivismo. Ontologia negativa.

ABSTRACT

In the present article, the position of Nietzsche in the midst of the philosophical tradition is removed. His thinking, in addition to being an important theoretical reference in the most diverse areas of knowledge, both of the twentieth century and the XXI, allowed for varied interpretations, including antithetical among them. In the midst of the most varied possible interpretations, the notion of philosophical rationality is defended that becomes in the world of life as a perspectivist interpretation. As far as philosophical tradition is concerned, Nietzsche's thought is therefore understood as an opposition to foundational thought. In other words, Nietzsche is neither the last metaphysician nor the philosopher who leads to foundational metaphysics at its apogee. This premise is demonstrated, above all, by the negative ontology and perspectivism that engender interpretation.

Keywords: Interpretation. Nietzsche. Perspectivism. Negative ontology.

INTRODUÇÃO



O presente artigo tem por desígnio tematizar o giro da metafísica para a interpretação conforme Nietzsche. Trata-se de um movimento de pensamento que discute se Nietzsche permanece ligado à metafísica ou se ele pensa uma nova possibilidade para filosofar, constituindo-se em uma questão vital, pois a partir dela, pode-se pensar o lugar do filósofo na tradição filosófica. Por isso, a inferência não pode ser simplificada e/ou reduzida em um binômio, pois, para Nietzsche, dicotomias perpetuam a metafísica. Essa temática não é inédita, mas exige – e exigiu – dos intérpretes da filosofia nietzschiana um posicionamento teórico. De modo geral, duas soluções prevalecem, a saber, enquanto que alguns apontam para uma ontologia negativa, outros defendem a vontade de poder como essência última. Não se pretende realizar uma dialética entre as antinomias ou, ainda, exaurir analiticamente cada posição. De qualquer sorte, a ontologia negativa, se bem compreendida, converge com o objetivo de apropriar-se dos elementos interpretativos em Nietzsche. Ilumina-se a problemática a partir de uma constelação de ideias, tais como: ontologia negativa, vontade de poder, perspectivismo e interpretação.

No que concerne à filosofia, a segunda metade do século XIX, bem como o século XX, podem ser interpretados à luz da seguinte chave hermenêutica: a recusa da metafísica ou, de modo positivo, pensar para além da metafísica objetivista. Diferentes vozes se somam e orquestram uma racionalidade que devolve o ser humano às injunções fenomênicas e históricas. Pode-se falar de pelo menos duas perspectivas: a analítica e a hermenêutica. Ambas partem do pressuposto da linguagem, porém, seguem vias distintas.

Enquanto a analítica, de modo genérico, dedica-se a destrinchar o conceito por meio da análise sintática, semântica e pragmática, a hermenêutica defende que a interpretação se dá na e pela linguagem. “A *experiência hermenêutica é intrinsecamente linguística*. Não nos é possível compreender a importância que isto tem enquanto não concebermos a linguagem circunscrita ao horizonte da ‘linguisticidade’ [...]” (PALMER, 1989, p. 243). Nesse sentido, a linguagem não é apenas a mera descrição ou instrumentalização do-que-está-aí, mas é um modo de compreensão.

INTERFACES ENTRE A ONTOLOGIA NEGATIVA E O PERSPECTIVISMO

A indagação que deve ser feita é a seguinte: qual é a compreensão epistemológica de Nietzsche? Na obra *Vontade de Potência* Nietzsche dedica uma seção a esta discussão (Cf. NIETZSCHE, 2008, p. 225-317), na qual empenha-se em ressaltar a dimensão antropomórfica



e interpretativa do conhecimento. Ao caracterizar o conhecimento dessa forma, desintegra a ideia de um conhecimento absoluto salvaguardado numa esfera extramundana. Nesse ponto, cabe recuperar as primeiras páginas de *Assim Falava Zaratustra*. Nelas, o filósofo habilmente se esforça para demonstrar que o conhecimento é produto humano.

Aos trinta anos deixou Zaratustra sua pátria e o lago da mesma, e *dirigiu-se à montanha*. Por um período de dez anos deu asas ao seu espírito e à sua soledade sem se cansar. Variaram, porém, os seus sentimentos, e uma bela manhã, levantando-se com a aurora, pôs-se frente ao *sol* e assim falou-lhe: '*Grande astro! Qual seria sua felicidade se lhe faltassem aqueles a quem ilumina?* Faz dez anos que se aproxima da minha gruta e, sem mim, sem a minha águia e a minha serpente, estaria afadigado da sua luz e deste caminho. [...] Pois bem: já me sinto tão entediado da minha sabedoria, tal como a abelha que acumulasse excesso de mel. Sinto necessidade de mãos que se estendam para mim. Quisera dar e repartir até que os sábios voltassem a gozar sua estultícia e os pobres da sua riqueza. Por esse motivo devo *descer* às profundezas, assim como você pela noite, astro ubérrimo de riqueza quando transpõe o mar para levar sua luz ao mundo inferior. Eu também devo *descer*, como você, conforme dizem os homens a quem quero dirigir-me. Abençoe-me, pois, olho benévolo, que pode ver sem inveja até uma felicidade grande em demasia! Abençoe a taça que quer transbordar, para que dela vertam as águas douradas, levando a todos os lábios a reprodução da sua alegria! Veja! Esta taça quer novamente esvaziar-se, e *Zaratustra quer tornar a ser homem*. (NIETZSCHE, s.d., p. 7-8, grifo nosso).

Nietzsche constrói um paralelismo antitético à *Alegoria da Caverna* de Platão (PLATÃO, 2000). Zaratustra dirigindo-se à montanha alude ao movimento dialético ascendente de Platão, que é representado pelo prisioneiro que contempla as aparências no interior da caverna. Este é arrancado dali para contemplar o mundo das essências. Ao invés de viver aprisionado admirando sombras, Zaratustra vive em sua pátria, na qual deleita-se com o lago. Tanto o prisioneiro quanto Zaratustra sobem em busca da *gnôsis* (conhecimento). Nesse estágio, Zaratustra experimenta uma profunda solidão, o que remete para a ideia de um espírito puro que transcenda qualquer condicionamento e, por conseguinte, encontre as essências. Zaratustra encontra o mundo das essências de Platão e junto com ele uma iluminação. De que vale a beleza do Grande Astro sem o humano? De que vale o *in se*, o conhecimento e o mundo da essência sem o humano? Ou seja, Zaratustra percebe que o mundo das essências não sobrevive sem aqueles que o contemplam. Por essa razão, precisa *descer*, de modo análogo ao movimento dialético de descendência de Platão, isto é, do prisioneiro que volta para a caverna. Zaratustra desce não para alertar seus companheiros de seus equívocos e confusões entre a essência e a aparência, mas para anunciar-lhes o embuste de ansiar um além-mundo repleto de essências.



Ao desmascarar o mundo inteligível, Zaratustra enterra suas cinzas e, transformado, volta a ser homem.

Zaratustra desceu sozinho das montanhas sem encontrar nenhuma pessoa. Ao chegar aos bosques apareceu-lhe de repente um velhote de cabelos alvos que saíra de sua cabana a fim de procurar raízes na mata. E o velhote assim falou a Zaratustra: ‘Este peregrino não me é estranho: passou por aqui há anos. Chamava-se Zaratustra, todavia transformou-se. Por essa época transportava as suas cinzas para a montanha. Querirá levar hoje o fogo para os vales? Não terá receio do castigo que se destina aos incendiários? Sim; reconheço Zaratustra. O seu olhar, todavia, e a sua boca não revelam nenhum agastamento. Parece que se dirige para cá como um bailarino! Zaratustra está acordado. Que pretende fazer agora entre os que dormem?’ (NIETZSCHE, s.d. p. 9)).

Se o conhecimento carrega atributos humanos e é resultado de uma interpretação, ele é interdependente com a vontade de poder. “A vontade de poder interpreta. [...] Na verdade, interpretação é um meio próprio de assenhorar-se de algo. (O processo [prozess] orgânico pressupõe um ininterrupto interpretar)” (NIETZSCHE, 2008, p. 328). Das diferentes vontades com suas diferenças e oscilações de poder, nasce o perspectivismo. A compreensão de que a interpretação está associada à vontade de poder, significa que ela pressupõe as condições vitais, as pulsões, as paixões, a libido entre outras. Os diferentes estados psíquicos possuem uma determinada vontade de poder que participa na percepção e interpretação do-que-está-aí. A própria percepção do estado psíquico já é uma interpretação. Portanto, a dissolução do invólucro metafísico do conhecimento, devolve o conhecimento ao âmbito da produção humana que é, invariavelmente, perspectivista. O perspectivismo, para Nietzsche, não é um dado fenomenológico, ou ainda, uma teoria do conhecimento, pois as duas esferas implicam em uma essência. Resta ao perspectivismo interpretar, sem a pretensão de status epistemológico.

O perspectivismo é só uma forma complexa de especificidade. – Meu modo de ver é que cada corpo específico anseia por tornar-se senhor de todo espaço, por estender sua força (– sua vontade de poder:) e repelir tudo que obsta à sua expansão. Mas ele se depara continuamente com o mesmo ansiar de outros corpos e termina por arranjar-se (“unificar”-se) com aqueles que lhe são aparentados o bastante: – *assim eles conspiram, então, juntos, pelo poder.* E o processo segue adiante... (NIETZSCHE, 2008, p. 326).

Desvelado o perspectivismo do conhecimento, o filósofo não investiga se há algo para além das perspectivas, o que por seu turno remeteria a um por de trás. Tampouco, diviniza a perspectiva num absoluto. O que pretende saber é até que grau o perspectivismo se estende na vida e/ou o quanto de perspectivismo a vida aceita. O perspectivismo transcende o conhecimento e engloba a existência, significa que a própria vida, assim como o conhecimento,



não possuem nenhum *telos* e fundamento. Por essa razão, cabe ressaltar novamente, quanto de perspectivismo a vida aceita?

Até onde vai o caráter perspectivístico da existência, ou será que possui outro caráter, se uma existência sem explicação, sem “razão” não se torna “desrazão”, se por outro lado, toda existência não é essencialmente *explicativa* eis o que, com justeza, não pode ser decidido por análises e exames do intelecto por mais assíduos e mais minunciosamente científicos que sejam: o espírito humano, durante esta análise apenas se poderia ver por suas formas perspectivísticas e *tão-somente* assim. É-nos impossível mudar o ângulo de nossa observação: curiosidade sem esperança de êxito aquela de procurar saber que outras espécies de intelectos e perspectivas podem existir [...]. Espero entretanto que atualmente estejamos pelo menos suficientemente afastados dessa ridícula falta de modéstia de querer decretar do nosso ângulo que apenas dele se pode ter o *direito* de ter perspectivas. O mundo, ao contrário, tornou-se para nós um infinito pela segunda vez; enquanto não pudermos refutar a possibilidade *que contém de infinitas interpretações*. Ainda uma vez somos tomados por surdo confranger – mas quem teria vontade de divinizar novamente, de imediato, à antiga, esse monstro de mundo desconhecido? Adorara talvez desde então este desconhecido objetivo, como um desconhecido subjetivo. Existem, infelizmente, muitas possibilidades de interpretação *não divinas* que fazem parte desde desconhecido, diabruras, estupidez, loucuras interpretativas, sem contar a nossa interpretação humana, demasiada humana que conhecemos. (NIETZSCHE, 1976, p. 272).

As diversas interpretações não disputam entre si o atributo de verdade, mas atestam a ausência de uma teleologia por de trás e, justamente por isso, o mundo e a vida aceitam uma pluralidade de sentidos engendrados pelas diversas perspectivas. Mas não só, se o mundo aceita uma pluralidade de interpretações, é porque toda interpretação tem sua origem no mundo e de nenhum modo pode transcendê-lo. Se assim for, o próprio mundo carece de um *Grund* (fundamento) e, portanto, a interpretação não pode sustentar-se sobre ele.

Se o mundo é a gênese das interpretações, este se coloca como substrato metafísico. Nesse sentido, o mundo é a instância sobre a qual repousam as interpretações. Diante dessa problemática, Nietzsche parece cair para a metafísica, o que exige que se recupere a sua ideia de mundo para contestar essa interpretação. Para o filósofo, o mundo não apresenta solidez. Pelo contrário, está em constante devir tencionado pela vontade de poder que se manifesta como jogo de construção e destruição, isto é, formulador de compreensões, interpretações e formas e destruidor das mesmas. Nietzsche, em seu último aforismo da obra *Vontade de poder*, esboça sua visão de mundo:

Sabeis vós também o que é para mim o “mundo”? Devo mostrá-lo em meu espelho? [...] –: este mundo *dionisíaco* do criar eternamente a si mesmo, do destruir eternamente a si mesmo, este mundo misterioso da dupla volúpia, este meu ‘além de bem e mal’, sem fim, se não há um fim na felicidade do círculo, sem vontade, se não há boa vontade no anel que torna a si mesmo – vós quereis um *nome* para este mundo? Uma *solução* para todos os seus enigmas? Uma *luz* também para vós, ó mais escosos,



mais fortes, mais desassombrados, mais ínsitos à meia-noite? *Este mundo é a vontade de poder – e nada além disso!* E também vós mesmos sois essa vontade de poder – e nada além disso! (NIETZSCHE, 2008, p. 512-513).

O mundo como vontade de poder não é interpretado pelas lentes da metafísica, pelas quais, a vontade de poder é a substância que comporta os atributos. Mas é interpretado como jogo interpretativo que é criativo e destrutivo. O mundo não possui nenhum sentido, mas o sentido está nele porquanto o humano é quem joga. A ideia de mundo de Nietzsche, sob a égide do devir, escapa daquilo que a tradição compreendeu como *subjectum*. De mais a mais, opõe-se a noção de uma substância que carregue os atributos. Conseqüentemente, entendendo o mundo como devir, Nietzsche opõe-se a ideia de que o mundo seja o sustentáculo das interpretações.

Conforme Nietzsche, “tanto quanto a palavra ‘conhecimento’ tem sentido, o mundo é conhecível: mas ele é *interpretável* de outra maneira, ele não tem nenhum sentido atrás de si, mas sim inúmeros sentidos. ‘Perspectivismo’” (NIETZSCHE, 2008, p. 260). Cabe lembrar a defesa de Nietzsche, na obra *Vontade de poder*, sobre a impossibilidade de conhecer o mundo. No entanto, no trecho elencado acima, por meio de uma leitura apressada, pode-se inferir que o filósofo defende a antítese e, portanto, se contradiz. Diante disso, é mister indagar, em que medida o mundo é conhecível? Para Nietzsche, ele é cognoscível na medida em que é desprovido de sentido. Assim, a interpretação torna-se necessária pela carência de um saber incondicionado subjacente a todas as coisas. O que há são distintas formas de conceber o mundo à luz de uma determinada vontade de poder. Portanto, somente conhecendo as perspectivas que interpretam e avaliam é que é possível conhecer algo do mundo, ou melhor, das perspectivas.

Inteiramente imanente, a ontologia de Nietzsche é por isso mesmo inteiramente negativa: porque recobre a totalidade da existência, o mundo não dispõe de um “outro mundo” para fundá-lo. Ele não tem ser, pois não apresenta nada que esteja subtraído ao movimento do devir; ele não tem sentido ou finalidade, porque falta o ponto de vista que poderia conferir-lhe um fim; ele não tem unidade, porque não há consciência infinita para pensá-lo. Ele não tem valor (VELOSO, 2000, p. 178-180).

No que concerne a uma teoria epistemológica, a filosofia nietzschiana é aporética, uma vez que cai para o subjetivismo epistemológico. Nietzsche não está preocupado com uma nova teoria do conhecimento pautada nos elementos de sua crítica. Seu esforço consistiu em demonstrar a identidade humana do conhecimento. Fica, portanto, a seguinte questão: se todo o conhecimento é perspectivista engendrado por uma vontade de poder, como construir o entendimento? Vattimo alude a essa problemática, mas no interior da ética.



Para a metafísica, tratava-se de estabelecer-se sobre a base última e certa dos fundamentos primeiros; para a hermenêutica niilista, trata-se de argumentar de modo que toda nova interpretação proposta dialogue com as precedentes, não constituindo-se num salto dia-“lógico” incompreensível. Enfim, [...] o imperativo da continuidade é o de uma racionalidade que não se defina em relação a estruturas objetivas que o pensamento deveria e poderia refletir, mas ao respeito e a *pietas* pelo próximo. Também por isto, porém, a continuidade não pode ser definida abstratamente, mas deve referir-se a um próximo, a próximos, determinados” (VATTIMO, 1994, p. 65-66).

Com Vattimo, vê-se a possibilidade de compartilhar as perspectivas ou, ao menos, de dar voz a mais de uma perspectiva, do contrário ela pode ser tão absoluta quanto aquilo que combate. A ontologia, por sua vez, repousa sobre o princípio de dizer algo sobre o real e de conhecê-lo. Seguindo esse raciocínio a filosofia nietzschiana é ontológica, mas que define o mundo pela impossibilidade de conhecê-lo, por isso, uma ontologia negativa (isso é interessante porque ele não se coloca como o cético pirrônico que nega o mundo).

O existente, segundo Nietzsche, dá-se a partir de uma ontologia negativa. Por ontologia negativa entende-se, de modo genérico, a inexistência de fatos, das coisas e das essências. Dito de outro modo, o existente manifesta-se nas e pelas interpretações. Se for assim, a ontologia negativa tenciona o perspectivismo. Uma vez que não há essência, só é possível perceber o que é uma perspectiva e qual o seu limite diante de outra perspectiva. “[...] O que uma perspectiva encontra como seu horizonte e que constitui o seu limite não é uma coisa em si uma ‘realidade’ incondicionada, mas outras perspectivas com suas determinações” (VELOSO, 2000, p. 175).

A ideia de uma ontologia negativa é contestada radicalmente pela fenomenologia, de mais a mais, o mundo se dá numa infinidade de possibilidades. A empiria dá prova disso. No entanto, segundo Nietzsche, aquilo que se manifesta é apropriado pelo intelecto e traduzido em uma categoria. Nesse ponto, reside a falsificação do-que-está-aí, pois o intelecto jamais percebe a essência por ser um construto perspectivista. A apreensão do-que-está-aí em categorias e sua consequente essencialização, para Nietzsche, é apenas uma má interpretação – pois parte do pressuposto de que há estabilidade subjacente, quando tudo é constante vir-a-ser –, mas necessária, pois nem todos toleram o perspectivismo na existência e/ou ausência de um *telos*. Dessa forma, introduz-se o conceito e a *gnôsis* como tentativa de engessar o devir. Segundo Fink, a ontologia negativa nietzschiana pode ser sintetizada do seguinte modo:

A tese de Nietzsche é a seguinte: na verdade, não existem coisas, substâncias, não há “existente”. Apenas o fluxo agitado da vida, a torrente do devir, os incessantes altos e



baixos das suas vagas. Não há nada que permaneça, que fique, nada estável; tudo está imerso no fluxo do devir. Porém, o nosso conhecimento falseia a realidade transforma falsamente o devir no ser de coisas imperecíveis que subsistem na mudança, que permanecem apesar das mutações dos seus estados. A “coisa”, a substância, é uma ficção, uma forma de dominação da vontade de domínio que como “conhecimento” viola a realidade, o devir, e o imobiliza, o falseia, o fixa, o submete ao conceito. (FINK, 1983, p. 175-176).

Por meio de um movimento, o filósofo cava a gênese da *gnôsis*. Diferente de seus pares, portanto, não põe a pergunta acerca do que é possível conhecer, ou ainda, qual o método adequado para conduzir a razão (Cf. DESCARTES, 2001). Desloca o problema para os horizontes psicológico e axiológico. Nesses, o conhecimento manifesta sua função: instituir uma estabilidade no fluxo do devir que arrasta a vida e conservar uma determinada vontade de poder. O conhecimento falseia o-que-está-aí, mas o faz em nome de uma soteriologia (salvação, teoria da salvação), isto é, preserva determinadas vontades de poder.

Não há “espírito”, nem razão, nem pensar, nem consciência, nem alma, nem vontade, nem verdade: tudo isso é uma ficção inútil. Não se trata de “sujeito e objeto”, mas sim de uma determinada espécie animal que medra somente sob uma certa *correção* relativa, antes de tudo sob a *regularidade* de suas percepções [...]. O conhecimento trabalha como *instrumento* do poder. Assim, torna-se claro que ele cresce com cada aumento de poder... [...] A *utilidade da conservação*, não uma necessidade abstrata teórica qualquer de não ser enganado, é o motivo por trás do desenvolvimento dos órgãos do conhecimento... estes se desenvolvem de modo que a observação é suficiente para nos conservar. De outro modo: a *medida* da vontade de conhecer depende da medida do crescimento da *vontade de poder* da espécie: uma espécie agarra tanto de realidade [*Realität*] quanto possa *assenhorar-se dela*, quanto possa *toma-la a seu serviço*. (NIETZSCHE, 2008, p. 259-260).

A partir da ontologia negativa, a filosofia nietzschiana não tem um ponto sólido para sustentar-se e/ou reclamar sua legitimidade. Por essa razão, Nietzsche pensa a racionalidade filosófica como interpretação. Os traços filosóficos a partir dos quais a hermenêutica pode ser pensada, não tem por objetivo estabelecer diretrizes e regras de como interpretar (hermenêutica técnica), também não fundamenta filosoficamente a hermenêutica (hermenêutica filosófica) (Cf. RUEDELL, 2000, p. 15-60; PALMER, 1997, p. 15-54). Mas se trata de uma filosofia que se desenvolve como interpretação, portanto, como filosofia hermenêutica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, para Nietzsche, a interpretação tem o potencial de romper com as estruturas fixas do pensamento, bem como com sua pretensão de purismo, que um dia elevou-se como primado. Dessa forma, ela revela-se como dimensão filosófica que compreende as *aporias* do



pensamento metafísico, permitindo repensar o filosofar através da interpretação e como interpretação. Essa compreensão toma corpo à medida que o filósofo desenvolve seu ataque à epistemologia.

Nietzsche não parte da crítica ao conhecimento para então constatar as *aporias* das categorias e, por conseguinte, rejeitá-las. O embuste do conhecimento emerge a partir de um movimento interpretativo com raízes na psicologia e na ontologia negativa. As duas dimensões são interconexas. A psicologia revela a necessidade de crenças em além-mundos e na estabilidade como meio de preservar determinadas vontades de poder. Nesse sentido, o conhecimento é um modo de imunizar-se da ausência de fundamento metafísico. A raiz psicológica revela que há uma vontade de poder subjacente no conhecimento e que falseia. A ontologia negativa é a exposição disso. Ou seja, se não há o *in se*, apenas perspectivas interpretativas, o conhecimento é produto humano que não repousa sobre fundamentos ou em além-mundos. Desse modo, a ontologia negativa é a interpretação da falsidade dos conceitos e contestação do-que-está-aí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FINK, Eugen. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Presença, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. Trad. Márcio Pugliesi, Edson Bini, Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1976.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falava Zarathustra*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus, [s. d.].

NIETZSCHE, Friedrich W. *A vontade de poder*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.



PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1989.

PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

RUEDELL, Aloísio. *Da representação ao sentido: através de Schleiermacher à hermenêutica atual*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia*. Trad. Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

VELOSO, Silvia P. Perspectivismo e ontologia na filosofia de Nietzsche. *O que nos faz pensar*. n. 14, p. 169-181, ago. 2000. Disponível em:

<http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/perspectivismo_e_ontologia_na_filosofia_de_nietzsche/n14silvia.pdf>. Acesso: 5 jan. 2018.